

Ser editor em tempos de plataformas digitais: o que mudou?

Being an editor in the digital platform era: What has changed?

Marcelli Alves¹
Thaís Bueno²

Resumo

O artigo analisa as transformações no papel do editor nos meios impressos, com foco nas mudanças em sua rotina, tarefas e atribuições no jornalismo contemporâneo. A pesquisa baseia-se em seis entrevistas semiestruturadas com editores de veículos de diferentes perfis — Quarto Poder, Gênero e Número, Intercept Brasil, Revista Semana On, Revista Fórum e Marco Zero. O roteiro abordou quatro eixos: atribuições atuais do cargo, diferenças entre edição impressa e ciberjornalismo, funções editoriais e relação com as redes sociais. A análise seguiu a metodologia de Análise de Conteúdo. Os resultados mostram a reconfiguração do papel do editor no ambiente digital, com ampliação de suas funções, gestão da produção de conteúdo e adaptação às demandas das redes sociais, além da incorporação de atribuições antes exercidas por outros cargos editoriais.

Palavras-chave: Editor. Ciberjornalismo. Funções. Cargo. Rotina.

Abstract

This article analyzes the transformations in the role of the editor in print media, focusing on changes in their routines, tasks, and responsibilities within contemporary journalism. The study is based on six semi-structured interviews with editors from media outlets of different profiles — *Quarto Poder*, *Gênero e Número*, *Intercept Brasil*, *Revista Semana On*, *Revista Fórum*, and *Marco Zero*. The interview guide addressed four thematic axes: current responsibilities of the position, differences between print editing and cyberjournalism, editorial functions, and the relationship with social media. The analysis followed the Content Analysis methodology. The results show a reconfiguration of the editor's role in the digital environment, with an expansion of functions, management of content production, and adaptation to the demands of social media, as well as the incorporation of responsibilities previously performed by other editorial positions.

Keywords: Editor. Cyberjournalism. Functions. Position. Routine.

¹ Doutora em comunicação pela Universidade de Brasília - UnB. Professora associada do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: marcelli.alves@ufma.br.

² Doutora em Comunicação Social pela PUC-RS, Mestre em Letras pela UFMS. Professora associada do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: Thaís.bueno@ufma.br

Introdução

O jornalismo tem sido amplamente debatido no contexto das transformações digitais, com ênfase nas mudanças nas práticas de produção, nas novas formas de verificação por meio das redes sociais, na adaptação das técnicas de SEO (*Search Engine Optimization*) e na consolidação do repórter como um profissional multimídia e multitarefas. No entanto, existe uma lacuna nas discussões quando se trata do cargo de editor, uma função tradicionalmente central nas redações.

Apesar das profundas transformações no jornalismo, o papel do editor — responsável por organizar, coordenar e definir a linha editorial — ainda requer maior análise nos estudos sobre a reconfiguração das redações e de seus fluxos de trabalho no ambiente digital.

Grande parte das pesquisas se concentra nas mudanças estruturais de forma geral ou no trabalho do repórter, deixando em segundo plano a adaptação desse cargo tradicional às novas dinâmicas do jornalismo contemporâneo (Navarro, 2018; Salaverría, 2008; Zambrano Ayala; Ramírez; Rubio, 2018; Pereira; Adghirni, 2011).

Nesse contexto, a pergunta central desta pesquisa é: de que maneira o cargo de editor foi impactado pelas transformações no jornalismo digital e como suas funções se reorganizam na dinâmica do ciberjornalismo contemporâneo? Esta questão foi o eixo das discussões na disciplina de Edição, do quarto semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), gerando diversas reflexões. Observou-se que a literatura sobre edição não abordava completamente essa transformação e as pesquisas sobre jornalismo digital não analisavam especificamente o papel do editor.

A partir dessa lacuna, propôs-se que a turma realizasse entrevistas, gerando um material significativo tanto para o aprendizado quanto para a pesquisa, servindo como base para este artigo. Para analisar a questão, foram realizadas seis entrevistas com editores de diferentes meios jornalísticos, abrangendo perfis variados, desde a grande imprensa até iniciativas regionais e alternativas.

Participaram editores dos veículos Quarto Poder (MA), Gênero e Número, Intercept Brasil, Revista Semana On, Revista Fórum e Marco Zero. As entrevistas foram conduzidas de forma remota, no âmbito da disciplina, e seu uso foi acordado para fins científicos. Para garantir a privacidade dos entrevistados, seus nomes não foram divulgados.

Considera-se que a diversidade dos meios analisados permite uma visão ampla sobre a edição jornalística contemporânea, considerando diferentes modelos de produção e circulação da informação. A análise das entrevistas baseou-se no enfoque teórico-metodológico da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977; Franco, 2008), buscando nos discursos analisados os temas mais relevantes para compreender o que significa ser editor na atualidade.

Mudanças nos cargos jornalísticos: como o ciberjornalismo redefine o mercado

Os meios digitais e o espaço ocupado pelo jornalismo na internet desafiam algumas das características tradicionais não apenas do produto jornalístico, mas também de sua prática profissional. Essas transformações também podem ser observadas em contextos específicos da prática jornalística. Lima, Silva e Bueno (2021), ao analisarem o uso do WhatsApp por jornalistas de Imperatriz (MA) e Araguaína (TO), mostram como ferramentas digitais foram incorporadas às rotinas produtivas e passaram a interferir nos processos de comunicação e apuração. Já Silva, Medeiros e Ceretta (2021) destacam, no contexto da pandemia de Covid-19, a intensificação dos desafios relacionados à circulação de informações falsas no ambiente digital e à necessidade de verificação jornalística.

Além disso, a reflexão sobre a comunicação pública aponta que a prática jornalística deve considerar não apenas a produção de conteúdo, mas também a gestão da participação e da audiência em ambientes cada vez mais digitais (Ramos *et al.*, 2020). Outros autores discutem a convergência midiática e as transformações nas rotinas produtivas (Salaverría, 2005), a digitalização das notícias e suas implicações na inovação dos jornais online (Boczkowski, 2004), a adaptação dos jornalistas a um ambiente de produção cada vez mais digital e integrado (Deuze, 2007), e as mudanças estruturais no jornalismo hipertextual e multimídia (Díaz Noci, 2001).

Apesar das transformações, autores como Carbasse (2015), ao tratar das mudanças, em particular no mercado para os jornalistas, convidam a relativizar o impacto das tecnologias.

Longe de ser a única causa das transformações atuais, a Internet deve ser vista, prioritariamente, como um espaço de revelação de certas problemáticas (Estienne, 2007), mas também como um catalisador de densas tendências estruturais que afetam, igualmente, as estruturas de produção da informação, as condições de emprego e de prática do jornalismo, assim como a oferta de conteúdos midiáticos ou a identidade do grupo profissional (Carbasse, 2015, p. 264).

Para compreender o papel atual do editor, é necessário observar como as transformações no jornalismo reconfiguram a organização das redações, os fluxos de trabalho e as hierarquias. A produção multiplataforma, a atualização constante e a interação com o público substituem o modelo tradicional por um ambiente integrado, com funções mais flexíveis. Nesse contexto, a edição e o papel do editor também são impactados pela ascensão da Inteligência Artificial Generativa (IAG), como discutido por Berti (2023) a partir de experimentos com o ChatGPT.

Entre os muitos textos que submetemos à plataforma, notamos que, em termos de correção, a ferramenta é muito útil, válida e complementar. Na fase de edição, mesmo no texto destacado e exemplificado, houve uma comprovação tácita de tudo isso (Berti, 2023, p. 17).

Guzmán e Lewis (2020) também abordam o tema. Os autores explicam que o impacto da IAG pode ir além da produção de conteúdo jornalístico, podendo dar origem a meios sintéticos sem jornalistas.

Embora este material não tenha a intenção de aprofundar a questão da IAG e sua relação com o jornalismo, é inexorável tratar das mudanças dos últimos anos sem mencionar esse avanço, que já impacta e continuará impactando diversas áreas da sociedade.

O cargo de editor no jornalismo: da tradição à transformação digital

O cargo de editor surgiu com a profissionalização do jornalismo e a consolidação dos jornais como empresas comerciais (Sodré, 1999), assumindo papel central na mediação entre a linha editorial e pressões políticas e mercadológicas. Tradicionalmente, suas funções incluíam organizar a edição, definir enfoques, elaborar títulos e coordenar repórteres, em articulação com pauteiros e chefes de reportagem (Pereira, 2012; Marques de Melo; Assis, 2010). Com o jornalismo digital e a convergência de mídias, esse papel foi reconfigurado.

Embora a literatura enfatize os impactos sobre os repórteres (Salaverría, 2008; Barbosa, 2014; Nguyen, 2015; Navarro, 2018), as mudanças na redação também dependem da atuação do editor. Estudo de Zambrano Ayala, Ramírez e Rúbio (2018) indica que a definição da linha editorial permanece sob responsabilidade do editor, agora estendida a múltiplas plataformas digitais.

Mendonça Jorge e Oliveira (2015), ao entrevistar editores de grandes veículos brasileiros sobre ciberjornalismo, identificaram que conhecimentos em design, arquitetura da informação, usabilidade e interação com o usuário são essenciais, embora não façam parte do escopo tradicional do cargo.

Assim, ao comparar estudos internacionais e brasileiros, percebe-se que o papel do editor não é óbvio: não pode ser definido apenas a partir de redações tradicionais ou da rotina do repórter, já que hoje as redações são mais horizontais, convergentes e conectadas às redes sociais.

Metodologia

As entrevistas foram realizadas por meio de plataformas digitais (*Google Meet*, *WhatsApp*, *Microsoft Teams*), por estudantes da disciplina de Edição Jornalística do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em Imperatriz, sob a supervisão de uma das autoras do estudo, em 2024. O uso das conversas para fins científicos foi previamente acordado com os participantes, garantindo sua autorização. No entanto, para preservar a identidade dos entrevistados, seus nomes foram omitidos. Didaticamente, foram identificados pela letra E, em referência ao cargo de Editor, e numerados em sequência.

A diversidade dos meios analisados permitiu compreender a edição jornalística não apenas no contexto de grandes jornais, mas também em veículos regionais e alternativos, ampliando a perspectiva sobre os desafios e as práticas editoriais atuais.

A seguir, o Quadro 1 apresenta os meios cujos editores participaram da pesquisa, categorizados por alcance.

Quadro 1 – Meios entrevistados

Identificação	Veículo	Alcance
E1	Quarto poder	Regional/Maranhão
E2	Gênero e número	Nacional
E3	Intercept Brasil	Nacional
E4	Revista Semana On	Regional / Mato Grosso do Sul
E5	Revista Fórum	Nacional
E6	Marco Zero	Regional/ Pernambuco

Fonte: Autor (2025)

Os editores entrevistados nesta pesquisa possuem uma ampla trajetória profissional, com pelo menos 15 anos de experiência no jornalismo. O grupo é composto por seis profissionais, todos com experiência tanto em reportagem quanto em edição ao longo de suas carreiras. Entre eles, apenas um não havia exercido previamente a função de editor, tendo trabalhado exclusivamente como repórter em um veículo de grande circulação. No entanto, sua experiência prolongada em reportagem e sua proximidade com a dinâmica editorial lhe proporcionaram um conhecimento profundo sobre o papel do editor ao longo dos anos.

Os profissionais que atualmente trabalham em meios de alcance nacional passaram por algumas das principais redações do país, como Folha de S. Paulo e O Globo, acumulando experiência em ambientes de alta demanda e visibilidade. Entre os editores de meios regionais, alguns também tiveram experiência em jornais de grande porte, enquanto outros consolidaram suas trajetórias em veículos de referência em seus respectivos estados.

Para este artigo, foram selecionadas as perguntas dirigidas aos editores que abordavam diretamente suas responsabilidades no cargo, bem como as transformações em sua prática profissional no ambiente digital. Considerando que todos os entrevistados tinham experiências prévias como repórteres e editores em meios impressos e online, essa seleção permitiu uma reflexão profunda sobre a questão central da pesquisa: o que faz o editor no jornalismo contemporâneo?

O roteiro da entrevista adotou perguntas semiestruturadas (Duarte; Barros, 2006). A pesquisa foi estruturada a partir de quatro eixos temáticos, que orientaram o debate:

1. Atribuições do cargo na atualidade: buscou-se compreender o papel do editor no cenário jornalístico contemporâneo e diferenciá-lo de outras funções, como repórter e pauteiro.
2. Diferenças entre a edição em meios impressos e no ciberjornalismo: o objetivo foi analisar a percepção dos profissionais sobre as mudanças na prática editorial e suas implicações no ambiente digital.
3. Mapeamento de funções editoriais: solicitou-se aos editores que enumerassem suas atividades diárias, o que permitiu a identificação concreta de suas responsabilidades em diferentes contextos de redação.
4. Relação com as redes sociais: investigou-se de que maneira as redes sociais impactam a rotina do editor e influenciam suas práticas editoriais.

A análise das entrevistas foi realizada por meio de um enfoque qualitativo, inspirado na construção de categorias temáticas da Análise de Conteúdo, segundo a proposta de Bardin (1977) e aprofundada por Franco (2008). Essa metodologia permite identificar, organizar e interpretar padrões de significado nos relatos dos entrevistados, estruturando a análise a partir de temas emergentes no discurso. A Análise de Conteúdo não se limita a uma categorização descritiva, mas busca compreender relações subjacentes entre significados expressos pelos participantes, o que possibilitou uma interpretação contextualizada das transformações no trabalho editorial, como proposto.

A Reconfiguração do Cargo de Editor: Percepções e Experiências no Jornalismo Contemporâneo

O primeiro eixo de análise buscou compreender as transformações nas funções da redação jornalística, delimitando os papéis de editor, repórter, pauteiro e chefe de reportagens. No modelo tradicional, essas funções eram claramente definidas. O repórter era responsável pela apuração, contato com fontes e redação dos textos, em consonância com a linha editorial. O pauteiro organizava e distribuía as pautas, enquanto o chefe de reportagens coordenava a estrutura da redação, supervisionando equipes e a logística das coberturas. Por fim, o editor assumia a função de supervisionar o trabalho dos repórteres, ajustando seus textos à linha editorial do veículo, além de ser responsável pela finalização do conteúdo, incluindo a elaboração de títulos e chamadas (Traquina, 2005; Kunczik, 1997; Wolf, 1999; Chapman; Nuttall, 2011).

No entanto, a partir das declarações dos entrevistados, um aspecto que se destacou foi a constatação de que, em diferentes contextos profissionais, todos os entrevistados relataram que a separação entre as funções de editor, repórter e pauteiro deixou de estar claramente definida.

Não vejo muitas diferenças, já que todos fazem de tudo: investigam, escrevem, criam os títulos... (E1, [informação verbal]).

Basicamente, acredito que essas funções, ao longo dos anos, tornam-se menos evidentes. Hoje em dia, essas funções foram se misturando nas redações (E4, [informação verbal]).

É essa a questão: essas funções jornalísticas se fundiram (E5, [informação verbal]).

Em particular, observou-se que a figura do “pauteiro” praticamente desapareceu e, em muitos casos, o cargo de chefe de reportagens tornou-se raro. Em substituição a essas funções, grande parte das atribuições se consolidou nas mãos do editor, que passou a acumular responsabilidades que anteriormente estavam distribuídas entre diferentes cargos.

No Gênero e Número não temos, nunca tivemos, a figura do “pauteiro”. Não sei como está nas redações maiores agora, mas mesmo quando eu trabalhava no O Globo, há muitos anos, e na CBN, já não existia. (E2, [informação verbal])

É uma figura que desapareceu das redações. Em algumas ainda existe, mas essa função foi, em grande parte, assumida pelos editores. (E3, [informação verbal])

Hoje em dia, desconheço alguém que faça apenas pauta, exceto na televisão, mas na estrutura de uma redação, não conheço esse papel de “pauteiro”. Pelo menos até onde sei, não existe. (E5, [informação verbal])

O que percebo hoje é que a função de editor, ao menos em redações menores como as que existem atualmente, assumiu múltiplas tarefas, incluindo a de “pauteiro”. Pelo menos no Marco Zero, a função de “pauteiro”, chefe de reportagens, editor e revisor é desempenhada pela mesma pessoa, por mim [risos]. Então, acredito que, na verdade, é uma soma de atividades, da mesma forma que o repórter também acaba desempenhando mais de uma função. (E6, [informação verbal])

O chamado “desaparecimento” do pauteiro está associado menos à eliminação de funções e mais à precarização do trabalho jornalístico, marcada pela redução das equipes e pela acumulação de tarefas (McChesney, 2008; Tunstall, 1971). Esse processo intensificou o perfil multitarefa dos jornalistas, frequentemente sem compensação proporcional. Nos depoimentos, destacam-se os termos hierarquia, supervisão e acumulação de funções, relacionados à organização do trabalho na redação.

Embora atividades como planejamento de pautas, finalização de textos e definição de títulos sejam hoje distribuídas entre a equipe, a responsabilidade final pelas decisões editoriais permanece concentrada no editor.

Na segunda etapa, o debate concentrou-se nas transformações do cargo de editor no jornalismo digital, buscando identificar mudanças em sua atuação em comparação às redações impressas. A rapidez do fluxo informacional e a influência das redes sociais foram os pontos mais destacados, especialmente quanto à acumulação de tarefas e à necessidade de atenção constante. Os participantes concordaram que há diferenças substanciais no exercício da função em relação ao modelo tradicional até os anos 2000.

Um ponto discutido foi a necessidade de maior atenção diante do grande fluxo de informações que circula, especialmente com a disseminação de notícias falsas.

Sim, a internet costuma potencializar as notícias com muito mais facilidade e rapidez, por isso é necessário ser mais cauteloso e cuidadoso com os conteúdos que se publicam para evitar erros. (E1 [informação verbal])
Mudou com a ascensão das redes, porque também precisamos observar o que funciona nas redes, aprender a fazer conteúdos mais concisos, que trabalhem com menos palavras, mais imagens, que consigam captar a atenção dos usuários de maneira mais rápida. (E2 [informação verbal])

Outro ponto levantado refere-se à própria logística da edição. O planejamento precisa ser maior para abranger outros suportes, mas também o ritmo frenético com que os conteúdos chegam ao editor.

A literatura destaca que a velocidade e o volume informacional nas plataformas digitais intensificam a pressão sobre os profissionais e exigem vigilância constante (Newman, 2019). A imediatividade das redes sociais reformulou os processos de apuração, tornando a verificação contínua essencial para evitar a desinformação (Hermida, 2012). Nesse contexto, a curadoria da informação torna-se uma função central do editor, especialmente diante de um fluxo acelerado e fragmentado (Bucci, 2019). Paralelamente, a convergência midiática impõe desafios à produção de conteúdo, exigindo domínio de múltiplos formatos (Jenkins, 2009) e o equilíbrio entre rapidez, qualidade e ética jornalística (Kovach; Rosenstiel, 2014).

No contexto brasileiro, Christofolletti (2020) destaca que a precarização das redações e a sobrecarga de trabalho dos jornalistas dificultam esse equilíbrio, afetando a produção de conteúdos aprofundados.

Por sua vez, Rosental Calmon Alves (2015) defende que a transição digital do jornalismo não deve significar uma perda de qualidade, mas sim uma reinvenção das práticas editoriais, com a adoção de novas linguagens e formatos narrativos que preservem a credibilidade jornalística.

O impacto das redes sociais, portanto, não se limita apenas ao volume de informações, mas também à necessidade de um planejamento editorial mais complexo e à adoção de novas estratégias narrativas.

A diferença é que o trabalho agora tem uma resposta muito mais rápida, ou seja, publica-se a reportagem, inclusive em redações como a nossa, que não são de jornalismo de hard news, essa possibilidade de estar conectado 24 horas nos permite tomar decisões mais rápidas, entende? (E3 [informação verbal]).

Há muita diferença. Muito diferente porque, primeiro, em um jornal você tem o dia todo para pensar no que vai fazer, para ser publicado no dia seguinte. Já nas redes sociais, o material que está em um cibermeio deve ser publicado em poucas horas, você tem pouco tempo para verificar o material, definir se é notícia ou não, revisá-lo e publicá-lo. (E4 [informação verbal]).

Acredito que tudo isso se fundiu muito com os jornalistas e fez com que esse papel de editor realmente fosse adotado, entendendo essa mudança no jornalismo. Vejo isso como uma forma em que aquelas pessoas que já haviam trabalhado como editores antes têm mais facilidade para entender essa mudança, porque o editor participava de todo o processo, ouvia o repórter e levava à redação. Hoje, todo esse processo é seguido pelos jornalistas, portanto, cada jornalista se tornou meio que um editor, especialmente quando falamos de jornalismo digital. (E5 [informação verbal]).

É perceptível, a partir das declarações dos entrevistados anteriores, que as atribuições dos jornalistas passaram por uma transformação significativa devido à crescente importância das plataformas digitais, o que exige dos profissionais conhecimentos que vão além da produção e edição de notícias.

Sobre esse tema, Napoli (2011) argumenta que, com o avanço da internet e das redes sociais, os jornalistas tiveram que adaptar suas práticas, incorporando técnicas de otimização para mecanismos de busca (SEO) em suas rotinas diárias. O SEO tornou-se essencial, pois é através dele que as notícias ganham destaque nas buscas, e os jornalistas devem ser estratégicos para criar conteúdos que atendam aos algoritmos das plataformas de busca e redes sociais.

McNair (2017) destaca que o papel do jornalista digital se expandiu para incluir habilidades de análise e adaptação constantes, com foco na otimização do alcance e da visibilidade do conteúdo, sem comprometer a qualidade da informação.

Além disso, o público se tornou um aspecto importante para os jornalistas que atuam no ambiente digital. O público implica uma interação constante com a audiência. Engel (2016) também discute que os jornalistas devem compreender as preferências e comportamentos do público nas plataformas digitais, adotando práticas que incentivem uma participação ativa e a formação de comunidades online.

Uma coisa que os editores precisam fazer é pensar em um título que seja fácil para os algoritmos, que seja otimizado para SEO, entende? Ou seja, estratégias de otimização para o algoritmo. Isso é algo que quem editava um jornal ou quem fazia uma chamada para a televisão nos anos 80/90 precisava pensar em termos de público, mas não para um algoritmo. O público era um público geral, que o editor conhecia. O algoritmo, para criar um título para ele, trabalha com algo muito genérico e abstrato, e que, em geral, não se sabe. Isso muda o tempo todo. (E6 [informação verbal])

Ao considerar esta resposta e aproximando-se da questão dirigida aos editores, a discussão se centra na delimitação das funções que realmente correspondem ao editor. Percebe-se que, com a acumulação de responsabilidades e o desaparecimento de uma divisão clara entre os papéis na redação, muitos jornalistas começaram a desempenhar funções editoriais, o que levou alguns entrevistados a afirmar que, atualmente, “todo jornalista é potencialmente um editor” (E5 – [informação verbal]).

Dessa forma, além da questão hierárquica que tradicionalmente estruturava as redações, solicitou-se aos entrevistados que enumerassem as principais funções desempenhadas pelo editor no contexto atual. A partir dos testemunhos, foi possível identificar as seguintes atribuições, melhor representadas no quadro a seguir:

Quadro 2 – Principais respostas dos entrevistados

Principais funções desempenhadas pelo editor no contexto atual
Revisão de texto
Edição e corte de texto com análise da linguagem
Definição do que se investigará e quando será publicado
Produção de títulos orientados por algoritmo
Propostas de estratégias multimídia para as notícias, incluindo fragmentos de áudio, <i>podcasts</i> , vídeos, visualização de dados e fotografia
Perfis de engajamento nas redes sociais
Manutenção de contato direto com os gestores das redes sociais
Validação de sugestões de pautas e estratégias da produção

Organização da pauta e condução das reuniões editoriais
Distribuição de temas e de estruturas da dinâmica da redação
Realização de investigação para complementar o material dos repórteres (inclusive proporcionando informações diretamente a eles).
Orientação e assessoramento editorial, incluindo a tomada de decisão da interrupção da investigação quando necessário
Seleção das fotografias
Revisão e aprovação das legendas sugeridas pelos repórteres

Fonte: As autoras (2025)

Essa multiplicidade de funções evidencia a transformação do papel do editor, que hoje abrange três grandes eixos de atuação: revisão e edição, gestão administrativa e acumulação de novas tarefas. As funções tradicionais de revisão e edição, como corte e análise de textos, escolha de títulos e imagens e revisão de legendas, continuam sendo centrais, mas agora estão influenciadas por algoritmos e dinâmicas digitais. No âmbito administrativo, o editor continua responsável por sua equipe, embora de forma mais solitária, já que agora organiza a agenda, conduz reuniões e estrutura a redação. No entanto, a principal mudança ocorre com a incorporação de novas funções, como monitoramento das redes sociais, interação com gestores dessas plataformas e definição de estratégias multimídia, o que amplia significativamente seu alcance de atuação.

Os dados permitem perceber que a ampliação das atribuições do editor não representa apenas uma atualização técnica do cargo diante das possibilidades oferecidas pelo ambiente digital. O que emerge das entrevistas é uma mudança na própria organização do trabalho jornalístico, marcada pelo enfraquecimento das fronteiras entre funções que antes possuíam maior delimitação. Quando um mesmo profissional passa a editar, revisar, organizar pautas, acompanhar redes sociais, pensar estratégias de circulação e, em alguns casos, complementar a própria apuração, a ideia de polivalência assume um caráter contraditório. Se, por um lado, ela exige maior domínio sobre diferentes etapas da produção jornalística, por outro, também pode ser compreendida como resultado da redução das equipes e da intensificação do trabalho, aproximando-se das discussões já existentes na academia sobre precarização e sobrecarga nas redações. Nesse sentido, as falas dos entrevistados mostram que a reconfiguração do editor não deve ser compreendida somente como consequência natural da inovação tecnológica, mas também como parte de transformações econômicas e organizacionais que alteraram as condições de produção do jornalismo.

Há ainda uma tensão importante entre a permanência da autoridade editorial e a crescente interferência das lógicas das plataformas nas decisões cotidianas. Embora os entrevistados continuem atribuindo ao editor responsabilidades relacionadas à seleção, hierarquização e validação dos conteúdos, essas escolhas passam a conviver com critérios de visibilidade, engajamento, SEO e funcionamento dos algoritmos. Isso relativiza a ideia de que o editor decide exclusivamente a partir de parâmetros jornalísticos, pois sua atuação ocorre agora em um ambiente no qual interesses editoriais, expectativas da audiência e mecanismos de distribuição das plataformas se encontram permanentemente em negociação. A questão, portanto, não é afirmar que os algoritmos substituíram os critérios jornalísticos, mas observar como passaram a participar das condições nas quais esses critérios são exercidos.

Sobre essa situação, Vaz (2018) argumenta que a figura do editor no jornalismo tornou-se fundamentalmente estratégica, não apenas na produção de conteúdo, mas também na gestão da visibilidade desse conteúdo nas plataformas digitais. O editor agora precisa dialogar constantemente com a equipe de marketing.

Por outro lado, Paiva (2020) problematiza a situação e destaca que a crescente demanda de engajamento nas redes sociais, por vezes, acaba desvirtuando a função tradicional do editor, já que a pressão por “curtidas”, compartilhamentos e interações pode comprometer a qualidade do conteúdo jornalístico. Como conciliar essa pressão com a necessidade de manter os padrões éticos e jornalísticos?

Por fim, foi perguntado aos profissionais, além das técnicas de SEO e do monitoramento das redes, de que forma o universo das redes sociais influencia nas decisões editoriais do cargo, se contribuem para a definição de pautas e como se desenvolve esse processo.

Dos entrevistados, apenas um afirmou que as redes sociais não influenciam na definição de pautas. Todos os demais concordaram que essas plataformas servem como base para as discussões sociais e, portanto, ajudam a pensar estrategicamente os temas abordados. Um dos participantes destacou, inclusive, que essa é, de fato, a principal função das redes no jornalismo: sugerir pautas a partir do que se debate no ambiente digital.

Os trechos exemplificam essas considerações:

No panorama comunicacional atual, as redes sociais frequentemente concentram as informações mais comentadas do momento. Por isso, é muito importante verificá-las, pois delas podemos extrair conteúdos que podem servir como possíveis temas para as pautas. (E1 [informação verbal]).

As redes sociais não definem a pauta na redação. As pautas vêm das notícias, da agenda política e social, e o que fazemos nas redes sociais é adaptar essas pautas e discussões ao formato das redes. Mas dificilmente ocorre o contrário. [...] Claro, se houver debates nas redes sociais que reflitam o que está acontecendo no país e tenham relevância para nosso enfoque editorial, naturalmente farão parte da nossa produção. (E2 [informação verbal])

As redes sociais tornaram-se um espaço de circulação, assumindo o papel de arena pública, e os debates mais importantes acontecem nelas. Acredito que as redes sociais se transformaram, se não no principal, em um dos principais focos de atenção do jornalista que busca temas para suas reportagens. Então, as redes sociais estão cada vez mais presentes na definição de pautas nas redações. (E3 [informação verbal])

É função e papel das redes sociais na definição da pauta. Acredito que grande parte do que ocorre no mundo, ao nosso redor, em nosso contexto e em nosso território de cobertura, conhecemos por meio das redes sociais, e também procuramos acompanhá-las. No entanto, isso não pode ser a regra geral. Precisamos buscar nossas próprias pautas. Precisamos, ao menos, tentar pautar as redes. (E6 [informação verbal])

As entrevistas indicam que as redes sociais têm papel crescente na definição das pautas, ao refletirem de forma imediata debates e tendências, embora não substituam as fontes tradicionais. Ainda assim, os jornalistas ressaltam a importância de manter autonomia na proposição de pautas. Segundo Rosental (2018), as redes impactaram diretamente a construção da agenda jornalística, ao introduzirem novas fontes e influências. Para Canavilhas (2017), apesar das pressões geradas pelas plataformas digitais, permanece essencial o compromisso com a verificação e a busca da verdade, configurando um dos principais desafios do jornalismo contemporâneo.

Considerações finais

Este material investigou as transformações no papel do editor jornalístico e evidenciou como as mudanças tecnológicas e as exigências do jornalismo digital impactaram a profissão. A acumulação de funções, a pressão pela rapidez e a adaptação constante ao ecossistema das redes sociais e aos algoritmos de busca modificaram as dinâmicas nas redações. Embora a digitalização tenha proporcionado novas oportunidades para a difusão de conteúdo, também impôs desafios relacionados à qualidade jornalística e à ética profissional.

Essas transformações revelam uma crescente precarização da profissão, o que pode resultar na perda de profundidade e qualidade das reportagens, bem como em dificuldades para equilibrar demandas comerciais com princípios éticos do jornalismo.

A pesquisa demonstrou que, embora a profissão de editor tenha se tornado mais multifacetada e ágil, o papel central da curadoria de conteúdo, da análise crítica e da manutenção da credibilidade jornalística continua sendo essencial. No entanto, a sobrecarga de responsabilidades e a necessidade de atuação em plataformas digitais geram um conflito constante entre a qualidade da informação e a pressão por visibilidade e consumo imediato.

Portanto, o papel do editor no contexto atual vai além da simples curadoria de informação. Hoje, ele atua como mediador entre a produção de conteúdo de qualidade e as demandas de um público cada vez mais imediato e interativo. O equilíbrio entre a rapidez do jornalismo digital e a preservação da credibilidade é um dos maiores desafios enfrentados pelos profissionais da área, exigindo uma reflexão contínua sobre as práticas e os impactos da digitalização no campo jornalístico. Além disso, a Inteligência Artificial Generativa (IAG), embora não tenha sido o foco deste estudo, deixa várias questões em aberto que podem ser exploradas em pesquisas futuras.

Referências:

AGUIAR, Leonel Azevedo de; ANDRADE, Ana Paula Goulart de. **Novas interfaces nas rotinas produtivas e credibilidade jornalística: uma contribuição aos estudos da profissão.** *Revista Mediação*, v. 22, n. 31, 2021. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/8075>. Acesso em 02 de janeiro de 2026.

ALVES, Rosental Calmon. **Jornalismo digital: dez anos de web... e a revolução continua.** *Comunicação e Sociedade*, n. 9-10, p. 93–102, 2006. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/server/api/core/bitstreams/29e0a5f8-b889-43a2-89d0-bc0f08247f29/content>. Acesso em 10 de janeiro de 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARBOSA, Suzana. **Agentes de inovação, renovação e de reconfiguração para o jornalismo em tempos de empreendedorismo.** *Revista de Cibercomunicação*, v. 1, n. 1, p. 1–8, 2014. Disponível em: <https://plataformarevistascomunicacion.org/2015/10/agentes-de-inovacao-renovacao-e-de-reconfiguracao-para-o-jornalismo-em-tempos-de-convergencia/>. Acesso em 12 de janeiro de 2026.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **ChatGPT: evolução ou fim do jornalismo?** Teresina: EdUESP, 2023. Disponível em: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/book/141> Acesso em 12 de Janeiro de 2026.

BOCZKOWSKI, Pablo. **Digitizing the news: innovation in online newspapers.** Cambridge: The MIT Press, 2004. Disponível em: <https://direct.mit.edu/books/monograph/2408/Digitizing-the-NewsInnovation-in-Online-Newspapers>. Acesso de 12 de Janeiro de 2026.

BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?: cultura política, imprensa e bibliotecas públicas em tempos de fake news.** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

CANAVILHAS, João. **Novos atores na redação: como muda o jornalismo?** In: MARTINS, Gerson; REINO, Lucas; BUENO, Thaisa. (orgs.). **Performance em ciberjornalismo: tecnologia, inovação e eficiência.** Campo Grande: Editora UFMS, 2017. p. 23 - 42. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/356487116/Performance-Ciberjornalismo> Acesso de 10 de janeiro de 2026.

CARBASSE, Renaud. **Tino para os empreendedores e bom jornalismo? A figura do jornalista empreendedor nos debates sobre o futuro da profissão.** *Brazilian Journalism Research*, v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/591> . Acesso em: 14 set. 2024.

CHAPMAN, Jane; NUTTALL, Nick. **Journalism today: a themed history.** Hoboken: Wiley-Blackwell, 2011.

DEUZE, Mark. **Media work.** Cambridge: Polity Press, 2005.

DA SILVA, Marcelli Alves; MEDEIROS, Frida Bárbara; CERETTA, Kellen Alves Correo. **Covid-19 and fake news: analysis of the verified news at the “Fact or fake” website.** *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 145, p. 119–136, 2021. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/items/2833e3be-1a54-407d-91ac-95fe37c1e5e2> Acesso em: 10 de janeiro de 2026.

DÍAZ NOCI, Javier. **Periodismo en internet: modelos de ciberdiarios.** Barcelona: Ariel Comunicación, 2001.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ENGEL, Donald C. **The new ethics of journalism: a guide for the twenty-first century journalist.** [S.l.]: Artcoombs.com, 2016.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo.** Brasília: Liber Livro, 2008.

HERMIDA, Alfred. **Tweets and truth: journalism as a discipline of collaborative verification.** *Journalism Practice*, v. 6, n. 5-6, p. 659–668, 2012. Disponível em:

Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v.13, n. 1, e25979, p.1-18, 2026.
DOI: 10.5212/RevistaPautaGeral.v.13.25979.

https://www.academia.edu/1521862/Tweets_and_Truth_Journalism_as_a_discipline_of_collaborative_verification. Acesso em: 1 set. 2024.

JENKINS, Henry. ***Convergence culture: where old and new media collide***. New York: NYU Press, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. ***The elements of journalism: what newspeople should know and the public should expect***. 3. ed. New York: Three Rivers Press, 2014.

KUNCZIK, Michael. ***Conceitos de jornalismo: Norte e Sul***. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

LIMA, Lorena Lacerda; DA SILVA, Marcelli Alves; BUENO, Thaisa. **WhatsApp na rotina produtiva do interior: um estudo a partir das perspectivas dos jornalistas de Imperatriz (MA) e Araguaína (TO)**. *Revista Observatório*, v. 7, n. 2, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/12189>. Acesso em: 06 de janeiro de 2026.

LEWIS, Seth; GUZMAN, Andrea; SCHMIDT, Tomaz. ***Automation, journalism, and human-machine communication: rethinking roles and relationships of humans and machines in news***. Digital Journalism, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2019.1577147>. Acesso em 12 de janeiro de 2026.

MARQUES DE MELO, José; DE ASSIS, Francisco. ***Gêneros no jornalismo brasileiro***. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2010.

MICK, Jacques; CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel P. (orgs.). ***Jornalismo local a serviço dos públicos: como práticas de governança social podem oferecer respostas às crises do jornalismo***. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2021.

MCCHESENEY, Robert W. ***The political economy of media: enduring issues, emerging dilemmas***. New York: Monthly Review Press, 2008.

NAPOLI, Philip M. ***Television, technology, and the digital world: the role of the internet***. [S.l.]: [s.n.], 2011.

NAVARRO ZAMORA, Lizy (coord.). ***Miradas del ciberperiodismo en Iberoamérica***. 1. ed. Tenerife: Sociedad Latina de Comunicación Social, 2018. Disponível em: <https://portalciencia.ull.es/documentos/6274a4c980338e79676dc1f6?lang=en> Acesso em: 24 ago. 2024.

NEWMAN, Nic. ***Journalism, media, and technology trends and predictions***. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2019.

NGUYEN, Ashley. **Como o New York Times mudou desde seu relatório de inovação**. *IJNet*, 2015. Disponível em: <https://ijnet.org/pt-br/story/como-o-new-york-times-mudou-desde-seu-relat%C3%B3rio-de-inova%C3%A7%C3%A3o> . Acesso em: 20 ago. 2024.

OLIVEIRA, Vivian Rodrigues; JORGE, Thais de Mendonça. **O jornalista atuante nas novas mídias móveis: o perfil do editor de conteúdo noticioso para plataformas tablets e smartphones.** *Comunicação & Inovação*, v. 16, n. 31, p. 113–129, 2015.

Disponível em:

https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/pt_BR/article/view/3111

. Acesso em: 20 ago. 2024.

PAIVA, L. **Jornalismo e redes sociais: a dialética entre engajamento e ética.** São Paulo: Editora Unesp, 2020.

PEREIRA, Fábio Henrique.; ADGHIRNI, Zélia Leal. **O jornalismo em tempos de mudanças estruturais.** *InTexto*, n. 24, 2011. Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12443/1/ARTIGO_JornalismoTempoMudancas.pdf Acesso em: 20 ago. 2024.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo.** São Paulo: LTC, 2011.

RAMOS, Mutilo César; GERALDES, Elen Cristina.; SILVA, Juliano Domingos.; SOUSA, Janara; NEGRINI, Vanessa. (orgs.). **Em defesa da comunicação pública.** Brasília: FAC Livros, 2017.

SALAVERRÍA, Ramón. **Cibermedios: el impacto de internet en los medios de comunicación en España.** Sevilla: Comunicación Social, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WOLF, Mauro. **A imprensa e o jornalismo.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

ZAMBRANO AYALA, William Ricardo; GARCÍA RAMÍREZ, Diego; BARRIOS RUBIO, Andrés. **El periodista frente a los nuevos retos y escenarios de la convergencia mediática colombiana.** *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, v. 25, n. 1, p. 587–607, 2019. DOI: 10.5209/ESMP.6374. Disponível em:

<https://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/es/article/view/63747>. Acesso em 28 de agosto de 2026.

Submissão: 16 jan. 2026

Aceite: 15 abr. 2026

Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v.13, n. 1, e25979, p.1-18, 2026.

DOI: 10.5212/RevistaPautaGeral.v.13.25979.